

# Despotencialização de demônios por meio de dádivas e desafios

*Drance Elias da Silva\**

“Eu via satanás sair de mim  
como um raio...”

## Resumo

O retorno do demônio verificado na práxis religiosa neopentecostal pode parecer uma insensatez cultural religiosa face à modernidade que, como projeto, crê na razão instrumental como forma estruturante e única de racionalidade social, levando os indivíduos à busca permanente de esclarecimento. O homem moderno prima pela atitude científica quando busca conhecer algo que lhe interessa. Nesse sentido, nada deve ser remetido a explicações irracionais. A objetividade e o dado são referências de maior importância. O evangelismo popular parece nadar contra essa corrente à medida que, por exemplo, concebe o demônio como algo a ser não apenas combatido em suas fileiras, mas a abandonar as pessoas e as coisas dos quais se apossa para impedir que prosperem. E o suporte para tal empenho é a dádiva que a Deus se oferece como forma de despotencializá-lo.

**Palavras-chave:** neopentecostalismo; dádiva; demônio; prosperidade.

---

\* É doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) onde desenvolveu a tese, *A sagração do dinheiro no neopentecostalismo: religião e interesse à luz do sistema da dádiva*. Atualmente é professor do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco e assessor pedagógico da Área de Sociologia e Religião da Secretaria de Educação, Cultura e Esporte do município do Jaboatão dos Guararapes. Email do autor: luanluan@elogica.com.br

## **Depriving demons of power by means of gifts and challenges**

### **Abstract**

The return of the demon, present in neopentecostal religious praxis, can seem a cultural religious foolishness in the face of a Modernity which, as a project, believes in Instrumental Reason as the structuring form and only form of social rationality, leading individuals to a permanent search for clarification. Modern man does very well with a scientific attitude when he seeks to know something that is in his interest to know. In this sense nothing should be referred to irrational explanation. Objectivity and data are references of the highest importance. Popular Evangelism seems to be swimming against this current inasmuch as it conceives a demon as something that must be not only fought against in its ranks but also challenged to have to abandon persons and things of which it has taken possession to impede them from prospering. What supports this effort is the gift offered to God as a way of depriving it of power.

**Keywords:** Neopentecostalism; gift; demon; prosperity.

## **Despotencializar demonios por medio de dádivas y desafíos**

### **Resumen**

El retorno del demonio verificado en la práctica religiosa neopentecostal, puede parecer una insensatez cultural religiosa frente a una modernidad que, como proyecto, cree en la razón instrumental como forma estructurante y única de racionalidad social, llevando a los individuos a una búsqueda permanente de aclaración. El hombre moderno prima por una actitud científica cuando busca conocer algo que le interesa saber. En ese sentido, nada debe ser remitido a una explicación irracional. La objetividad y el dato son referencias de mayor importancia. El evangelismo popular parece nadar contra esa corriente en la medida en que, por ejemplo, concibe al demonio como algo que no solamente se debe combatir en sus filas, sino también desafiárselo a abandonar a las personas y las cosas de las que se apropia para impedir que prosperen. El soporte para tal empeño es la dádiva que se ofrece a Dios como forma de dominarlo.

**Palabras-clave:** neopentecostalismo; dádiva; demonio; prosperidad.

### **Introdução**

Durante o período helenístico, as religiões da Grécia, do Egito, da Pérsia e Mesopotâmia, segundo Nogueira (1986, p. 14), tendiam à confluência e miscigenação, tornando-se com o tempo, simples demonologia, extremamente interligadas. Conforme esse autor, encontra-se aí

o ponto de confluência com a religiosidade Judaica. Quando, no século II d. C. foram traduzidos para o grego os livros sagrados, denominaram-se demoníacos (*daimonia*) os ídolos e divindades pagãs e alguns dos animais fantásticos que povoaram as crenças do antigo Oriente. Estabelecida uma mesma denominação comum, uma parte das doutrinas demonológicas, incorporadas à tradição helênica, penetrou entre os hebreus, associando-se aí as tradições orais, inovando as crenças judias de espíritos malfazejos.

Nesse sentido, o autor assinala que, se no Antigo Testamento a grandiosidade de Satan é negada, no século II d.C. ele é reconduzido e se estabelece na literatura dos Evangelhos e do Apocalipse de São João, como príncipe das trevas e causador da perdição do gênero humano. No relato dos evangelhos, Satan aparece permanentemente como inimigo de Jesus e dos discípulos. A história dessa trama acentua a tentação de levar todos a romper com a fidelidade ao Senhor.<sup>1</sup>

Os demônios vão se constituindo aos poucos, nesses relatos, como obstáculos que impedem a possibilidade de se alcançar a vida no Paraíso. Assim, como obstáculos, encarnam-se no mundo das coisas humanas, impedindo-as de ser para Deus: “Dessa polarização resulta que tudo o que afasta os homens de Deus é uma manifestação do diabo” (Ibid.: p. 18). No cristianismo, após o século II d.C., foi se forjando sempre uma literatura demonológica que influenciaria mais e mais a vida cotidiana das pessoas, servindo como referência para interpretar certas situações adversas individuais e coletivas, de caráter social, econômica, política e cultural. E isto se deve ao fato de o espírito do mal ter sido integrado ao dogma do cristianismo: queda do homem, pecado original, morte do messias. Uma vez incorporado ao dogma do cristianismo, passa a representar as dificuldades do mundo material e espiritual.

Mas, será que a congregação do mal, nos dias atuais, se encontra reduzida em comparação com o passado? Talvez muitos cristãos possam dizer que sim, porém, essa possível convicção perde força quando surgem constantemente insinuações de que o Diabo está vivo e faceiro no seio de suas estruturadíssimas igrejas cristãs. Vale lembrar que o *Catecismo da Igreja Católica*, publicado em 1993 pelo papa João Paulo II faz uma referência explícita ao papel contínuo de Satã: “[Satanás ou o Diabo] não passa de uma criatura, poderosa pelo fato de ser puro espírito, mas sempre criatura (...). Embora atue no mundo por ódio contra Deus e o seu Reino em Jesus Cristo, e embora a

---

<sup>1</sup> “A nova de que Cristo rompeu o poder dos demônios pela força de sua inspiração e salvaria seus adeptos do poder deles constituía no cristianismo primitivo uma das mais destacadas e eficazes de suas promessas” (Cf. WEBER, 1991: 356).

sua ação cause graves danos – de natureza espiritual e, indiretamente, até de natureza física – para cada homem e para a sociedade” (p. 112 § 395). Nesse sentido, podemos muito bem discordar de algumas visões que costumam afirmar que, somente nas “novas” fileiras evangélicas encontramos o anúncio da presença do Diabo; e discordar mais ainda do motivo para tal verificação: a falta de sofisticação teológica e ética dessas igrejas que por isso seguem literalmente cada palavra da Bíblia e assim, não param de falar nele. (Cf. Stanford, 2003: p. 23s) Mas, ao verificarmos que essa fala é real e permanente, produzida sistematicamente, sob qual situação de vida ela se apóia e se faz legítima ao apontar “forças” que limitam? Primeiro, a condição da nossa vida no mundo está muito precária e sua desestabilização se verifica quando observamos, por exemplo, o seguinte quadro:

Multiplificação das massas urbanas sem trabalho ou de grupos humanos que subsistem graças a empregos instáveis e pouco produtivos; na falência de muitas pequenas e médias empresas; na destruição e deslocamento forçado de populações indígenas e rurais; na expansão do narcotráfico, particularmente em setores rurais cujos produtos tradicionais foram excluídos da concorrência do mercado; na falta de segurança alimentar; na desestabilização das economias nacionais, provocadas às vezes por uma especulação internacional não controlada; nos desajustes nas comunidades locais, causados por projetos de empresas multinacionais que não levam em conta os interesses dos moradores.<sup>2</sup>

Face a esses fatos acima mencionados, não poderíamos apontá-los como obra do mal? O importante, ao que parece, é a possibilidade do mal ser identificado, independente do seu grau de abstração ou possível alusão metafísica do seu conceito. Segundo, caso alguém decida, por um motivo ou outro, participar, apenas como visitante por uma semana, dos cultos de uma denominação religiosa pentecostal popular, o que verá, caso dirija o seu olhar bem para perto das coisas que estão postas no altar? Entre tantos objetos para serem abençoados, as carteiras profissionais que sinalizam o tormento de vidas, sem emprego; elas estão lá, aos montes, portando a dor e o desejo em um mundo que parece dizer não ser mais possível sobreviver. Essa realidade de vida dos fiéis também não poderia ser apontada como obra do mal? Diz o jornalista Peter Stanford (2003: p. 31):

A concepção moderna situa o mal no interior do próprio indivíduo, o que foi nomeado por Jung como a ‘sombra’ de todos nós. Historicamente, a tendência

<sup>2</sup> Cf. *O neoliberalismo na América Latina*: Carta dos provinciais da Companhia de Jesus da América Latina. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p.11.

foi a de colocá-lo do lado de fora, ou seja, no Diabo, porque a ele é imputada a exploração das fraquezas humanas. A posição contemporânea é bem mais difícil de ser posta em prática, porque nela recai uma responsabilidade muito maior sobre o indivíduo. A postura tradicional acentuava o fato de que Deus concedeu o livre-arbítrio a cada ser humano – a capacidade de escolher entre o certo e o errado, etc –, mas nela também existia uma espécie de bônus adicional que atribuía às forças externas tudo o que havia de mal no próprio indivíduo. E é por isso que o Diabo ainda atrai seguidores. Ele é uma solução mais fácil para representar a causa dos nossos males.

A busca por conceituar o que é certo e o que é errado bem como o bem e o mal fez com que se produzisse na consciência alguma forma de representação. Assim, o bem e o mal foram sendo transformados em alguma espécie de divindade. O catolicismo brasileiro, por exemplo, como força religiosa constituída ao longo de sua história, operou durante o tempo todo com as noções de bem e mal como campos distintos, mas constantemente em luta: de um lado, o Deus dos católicos louvado nas três pessoas do Pai, Filho e Espírito Santo – situados no campo do bem; do outro, o diabo, no qual é imputado todo o mal apresentando-se em suas múltiplas manifestações e que deve ser combatido. E não devemos esquecer que, na história da Igreja, dentre as armas que ela dizia possuir contra todas essas manifestações maléficas, estavam as orações, o culto aos santos, as imagens miraculosas, as relíquias, a água benta, a invocação à Maria e principalmente os exorcismos, considerados o mais potente meio de combatê-los (Cf. Ribeiro, 2003: p. 76).

O tempo de querer enquadrar fiéis nas redes de poder bem como de manter o controle do campo espiritual estimulou durante muito tempo, dentro da Igreja, a prática do exorcismo. Mas, isso sofreu forte arrefecimento. Porém, não se extinguiu de todo, pelo menos no campo cristão. Nos dias de hoje ainda, por exemplo, se a medicina mostra-se incapaz de solucionar de maneira eficaz a cura de determinada doença, talvez porque sua origem seja de ordem espiritual. E não demora muito, portanto, para que se interprete que o maligno esteja na base dessa situação impedindo a prosperidade: “O diabo não quer que as pessoas sejam abençoadas, coloca dúvida na hora de dá o dízimo (...)”. (Entrevista).<sup>3</sup>

É desse ponto de vista que, depois de dois milênios, a boa notícia de que Jesus e seus discípulos teriam agido com autoridade derrotando demônios, como bem sinalizou Max Weber a respeito do cristianismo primitivo, retorna agora de maneira nova como base das promessas neopentecostais.

<sup>3</sup> As entrevistas citadas foram coletadas durante a pesquisa de campo no estudo de doutorado concluído em 2006 – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p. 11.

## 1. O infortúnio e a doença: faces para uma hermenêutica do demônio

Nada mais significativo para representar o infortúnio do que a *desgraça*. Qualquer fiel digno de seu compromisso religioso saberia descrevê-la com toda força e sentido nos dias de hoje: medo do “vazio”, do “fundo do poço”, do estar “amarrado”, medo de uma situação “arrebentada”, medo do “cair”. Obter uma graça é, parece-nos, o desejo comum às pessoas que buscam admitir as virtudes que lhes permitirão êxito, evitando, assim, os infortúnios. A desgraça, antes de tudo, é uma situação concreta; o infortúnio, algo vivido e sentido na pele, latente no grito, no lamento, na dor humana; a ruína, o despejo do indivíduo da condição de pessoa humana para viver na derrota. Tal situação imprime no fiel que aderiu à sua Igreja movimento incessante motivado pela fé em busca de obter sempre a vitória: a vitória sobre o infortúnio.

O infortúnio, a desgraça, e a miséria constituem condição real a revelar apenas que a pessoa vive, mas vive mal: com dor, sem emprego, sem teto; busca até recompor os afetos. O desafortunado efetivamente sofre por lhe faltar quem o admire, por não se sentir querido, desejado. Os espaços tradicionais de sociabilidade provocadores de encontro, o mundo urbano atual os desfez, trazendo carências e rostos de falsidades (Cf. Pierucci e Prandi, 1996: p. 27). O infortúnio é também o avesso do encontro.

O sofrimento causado pela doença sempre acompanhou a história religiosa dos sujeitos. E, com certeza, não pôde ser explicado tão-somente, por exemplo, pelas “perturbadas relações interpessoais”. A possibilidade do sofrimento é inerente à própria existência dos corpos dotados de sensibilidade, ou seja, a questão deve ser entendida a partir das reações humanas aos males e riscos que atingem ou ameaçam os seres humanos em seus contextos de vida e de sociedade. O sofrimento causado pelas doenças, como realidade visivelmente presente no espaço religioso neopentecostal percorre um ciclo diferente do ciclo que insiste nos portadores de suas enfermidades de que a saída é a morte: busca encontrar os responsáveis ocultos por tal sofrimento. Embora numa linha de não-preocupação com a transformação do mundo, esse tipo de experiência pentecostal “põe o dedo nas feridas dos pobres”, dizendo: o responsável pelos sofrimentos causados pelas doenças é de ordem da malevolência de um espírito, ou seja, aos olhos do crente, “a doença é causada pela presença do mal (do demônio) no corpo. Assim sendo, Satã às vezes se manifesta no momento da imposição das mãos. Então, o exorcismo torna-se necessário” (Corten, 1996: p. 72).

A estratégia neopentecostal não deixa dúvida quando, por exemplo, analisamos uma de suas significativas expressões, como a Igreja Internacional da Graça de Deus que, ao buscar os responsáveis pelas dores e sofrimentos dos

fiéis, não sinaliza para planos de governos, cenários internacionais, algum inimigo estrangeiro, rumos da economia etc., mas identifica o demônio como negação do progresso da fé religiosa, pois esta deseja um mundo inteiramente evangélico. Por isso a conversão acontece para o interior da comunidade; o que fica de fora está sujeito à ação do maligno. O maligno povoa o universo cultural religioso e, sobretudo, o neopentecostal – clara demonstração de resistência ao mundo secular. Em *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?*, O Bispo Macedo (1990: p. 68 *et seq.*), da Igreja Universal do Reino de Deus, aponta que a possessão demoníaca, além de estar ligada à questão do pecado, se revela nas doenças, o que tem sido uma constante na vida cotidiana de muitos fiéis que chegam à igreja. O autor apresenta uma relação que contém sinais de possessão, os quais, segundo ele, são sintomas, há muito, identificados:

1. nervosismo, 2. dor de cabeça constante, 3. insônia, 4. medo, 5. desmaio ou ataque, 6. desejo de suicídio, 7. doenças cujas causas os médicos não descubrem, 8. visões de vultos ou audição de vozes, 9. vícios e 10. depressão.

De fato, por intermédio do exorcismo, essa situação tem sido transformada, imprimindo uma saída por completo de quem vinha causando tantos atos de danação sobre o corpo, sobre a vida. Por tal razão, normalmente os pastores insistem em afirmar, em suas pregações, que os médicos não conseguem entender o mal de que se sofre, pois este é de origem espiritual.

Nas reuniões durante toda a semana, é comum o pastor ordenar a todos que ali estão, a depositarem no altar seus pedidos por escrito, além de outros objetos como carteira de trabalho, resultados de exames de saúde, retratos, cartão de crédito, receitas de remédios, cópia de processos na justiça, cópia de pedido de aposentadoria, nomes de pessoas. Cada objeto corresponde a alguma coisa a vencer ou a algum mal a derrotar ou, como o próprio pastor diz, “estão amarrados”. Todos esses objetos dispostos no altar compõem uma identidade ritual<sup>4</sup> cujo coração revela complexa relação afetiva que busca ligar seus donos uns aos outros, pois, mesmo objetos pessoais, carregam, em comum, o amargo gosto de vida que não prospera. Na existência das coisas,

---

<sup>4</sup> “As coisas sagradas em relação às quais funciona o sacrifício são coisas sociais. E isso basta para explicar o sacrifício. Para que o sacrifício seja bem fundamentado, duas condições são necessárias. Primeiro é preciso que haja fora do sacrificante coisas que o façam sair de si mesmo e às quais ele deve o que sacrifica. É preciso, a seguir, que essas coisas estejam perto dele para que ele possa entrar em relação com elas, nelas encontrar a força e a segurança de que necessita e retirar de seu contato o benefício que espera de seus ritos”. (Cf. Mauss e Hubert, 2005: p.107). A disposição desses objetos em altar é sempre o início do cerimonial neopentecostal.

o diabo, conforme o discurso oficial da instituição,<sup>5</sup> manifesta sua alma, por isso tranca a vida, ou “tranca a rua”. É preciso, então, destronar o “capeta” do poder que lhe é inerente (Cf. Soares, 2004: p. 39).

O cristianismo institucionalizado evangélico neopentecostal, por certo, não é o único que segue, ainda hoje, anunciando o diabo em suas fileiras. A decisão evangélica neopentecostal de seguir literalmente cada palavra da Bíblia jamais poderia prescindir da mais significativa figura do mal exposto por essa Escritura. E por que não? Stanford (2003: p. 54) oferece uma razão: “Tanto o caráter como as ações do diabo são cruciais para que seja constituída a história da salvação da humanidade, o que é o cerne mesmo do Novo Testamento. Sem a presença desse personagem, não há nada ou ninguém que Cristo possa combater, deixando de haver qualquer justificativa para afirmar a existência do ‘Reino de Deus’”. A figura do diabo sempre foi algo indefinido, tornando possível qualquer imaginação religiosa que admita sua existência, como, por exemplo, a neopentecostal, fazer emergir, como representação do mal, um significado tão forte como “o devorador”:

Os espíritos que atuam na vida financeira são: o cortador, o destruidor, o migrador, o devorador. Só que tem um, o devorador, que nós só podemos compreender através do dízimo. Se a pessoa não dá o dízimo na casa de Deus, então a vida dela passa a ser um fracasso; enquanto ela não der o dízimo o devorador não tem como ser compreendido, e nem sua vida financeira liberta. (Entrevista)

Isso explica, então, antes do recolhimento das ofertas – recolhidos em sacolas ou colocados no altar – a atitude do ficar de pé, em oração, para fazer sair algum mal que está afligindo o fiel. Os fiéis oram em voz alta, pedindo a Deus a expulsão daquele mal. Manifestam-se vozes ao mesmo tempo, clamando, que se dilaceram por todo o templo, causando a impressão de que a força de tal clamor, acompanhado de gritos – “sai”, “sai”, “sai” – expulsará toda ação negativa que, por ventura, se tenha apossado da vida ou esteja impedindo o fluxo das correntes e campanhas.

## **2. A posse do demônio sobre a vida financeira**

No espaço religioso neopentecostal, mais especificamente na experiência religiosa da Igreja Universal do Reino de Deus e da Internacional da Graça de Deus – sem deixar de lado outras tantas expressões religiosas do mesmo

<sup>5</sup> R.R. Soares inicia seu ensinamento sobre o dízimo, afirmando: “[...] se o filho de Deus não for dizimista, jamais prosperará, pois, ao deixar de entregar o dízimo, ele não somente está desobedecendo ao Senhor, mas também se abrindo para as operações do diabo em sua vida” (2004, p. 7).



campo –, a questão financeira tem sido tratada como valor simbólico de maior importância. Seu valor depende da pressuposição de que a ela seja atribuída certa atitude mágica e de poder:

Existe um espírito devorador, ou seja, um demônio que quando a pessoa não dá o dízimo ele entra na vida da pessoa e devora tudo. E quando a pessoa dá o dízimo, Deus promete abrir as janelas do céu e derramar bênçãos sem medida (Cf. Silva, 2000: p. 70).

Essa acentuação mágico-religiosa, que recai sobre a vida financeira do fiel, pode estar carregada de forças negativas, aprisionando o bom desempenho da pessoa na vida financeira. O elemento perturbador acima indicado é o demônio, cuja força dele oriunda afasta as pessoas dos desígnios de Deus e da relação com Ele.

A vida financeira é o lado de maior preocupação dos fiéis neopentecostais e, normalmente, segundo a hermenêutica eclesial, a sua ruína e fracasso encontram-se ligados à ação demoníaca. Na pregação da Igreja Universal como da Internacional da Graça de Deus, o demônio segue presente e ativo, provoca distrações nas reuniões de oração, insinua a dúvida na fé e com isso causa o desânimo nas pessoas, bem como “serve-se de mentes humanas para promover a fome, a miséria, as doenças, as prostituições, os vícios, as violências, as guerras” (Cf. Macedo, 1989: p.13s). A demonização dos deuses e espíritos não só parece refletir a vontade de poder profundamente negativa que cai por sobre a vida humana, mas também a expressão do desejo mimético irremediável que leva a destruir o rival, para apoderar-se do comum objeto do desejo – no caso, a massa dos fiéis.

Muitos problemas financeiros advêm de espíritos imundos que trabalham nessa área. Eles podem mexer na situação financeira quando você não está atento à palavra, quando não conhece e nem sabe o que é o dízimo, não sabe o que é uma oferta. Nós os denominamos de demônios: tranca rua, pomba-gira, devorador, etc. Uma senhora estava devendo umas contas: água, luz... E ela foi dar o dízimo, e disse: “se eu der o dízimo, eu não tenho como pagar essas contas, como eu faço agora?” E ela estava lá, na fila para devolver o dízimo. E a cabeça dizendo: “não, tira esse dinheiro a mais que o pastor não sabe”; e a outra dizendo: “dê o dízimo, seja fiel”. Duas linhas de pensamento perturbando ela. Uma, ser honesta no dízimo; outra, dizendo retira, porque se tu deres o dízimo todo, tu não vai conseguir honrar tuas obrigações no comércio. Quando chegou a vez dela, ela disse: “não, eu vou dar o dízimo”. E ela deu o dízimo todo. Na hora que ela deu o dízimo todo, manifestou o demônio na vida dela.

Na linha africana, o espírito chama tranca-rua. Esse mexe com o comércio das pessoas.

Manifestou na hora! E ela testemunhou dizendo ter visto o demônio sair dela como um raio (Cf. Silva, 2000: p. 103).

Conforme o relato acima, a vida financeira foi tomada por um poder estranho: um espírito imundo tomou posse da vida financeira – é o devorador. Como num rápido vôo de águia, ele se transporta e se instala em um dos eixos importantes da vida pessoal. Assim, o demônio, uma vez instalado, põe em prática seu projeto de debilitar a vida financeira e isso se manifesta quando a pessoa é impedida de ofertar. O pastor ressalta que é preciso reconhecer e identificar o inimigo, para que o combate resulte no triunfo do redentor. E, uma vez identificado onde fisicamente o demônio se “localiza”, e afirmando Deus como elemento positivo, potência superior ao demônio e destinado a vencer, este entra em cena para restituir a vida financeira amarrada. Mas, a condição fundamental para que a vida que se encontra no “fundo do poço” consiga ser resgatada com sucesso, vitória e conquista, consiste em ofertar e desafiar. Eis o antídoto contra o veneno do maligno.

### **3. Ofertas e desafios como meios de “desamarração”**

A oferta, integrante do ato e ritual religiosos, é uma das questões mais pertinentes no campo neopentecostal. Sem dúvida, não estamos dizendo novidade alguma, pois já é do conhecimento de muitos. A oferta sempre foi entendida, historicamente, como sacrifício e sinal de agradecimento aos deuses.<sup>6</sup>

Quando determinado fiel é curado, nada lhe é mais comum do que ofertar algo em agradecimento, porém, não qualquer coisa nem de qualquer jeito, nem em qualquer lugar. O que nos chama a atenção quanto à oferta é que esta tem sido reduzida prioritariamente, conforme se verifica nos cultos diários feitos nos templos neopentecostais, à doação de dinheiro:

Quando eu cheguei na igreja, eu era um camarada viciado. Viciado na bebida, no cigarro. Então, me afastei disso tudo. Então, aquela porta estava aberta por quê? Porque alguém ofertou. Eu fui liberto dos vícios. Todo o dinheiro que eu pegava gastava com bebida, cigarro. Então, quando comecei a ofertar à igreja, foi nesse sentido, de me libertar desses vícios e ajudar outras pessoas. A palavra que é lançada por sobre nós é uma palavra forte. Isso mudou a minha vida e a de meus familiares mais próximos. Os familiares notam essas coisas. (Entrevista).

---

<sup>6</sup> “O animal sacrificado passa das mãos do *axogum* para as da cozinheira que vai preparar o alimento dos deuses” (Cf. Bastide, 2001: p. 32).

O dinheiro como oferta demarca, desse modo, dois momentos: antes, o dinheiro entregue ao vício, gasto com o que não traz retorno para o bem de si ou para o interesse do indivíduo do *self* (em linguagem técnica); depois, o dinheiro ofertado à Igreja, à espera que tamanha doação liberte e, conseqüentemente, a vida se transforme (não só a dele, mas também a das outras pessoas).<sup>7</sup> Existe, da parte do entrevistado, assim nos parece, preocupação difusa com o outro, expressa no interesse da doação, quando diz “ajudar outras pessoas”. Ao se lançar a pergunta “então, aquela porta estava aberta por quê?”, sinaliza-se um “chamado” que talvez seja entendido como conseqüência da oferta de outros fiéis para, naquele momento, ele abraçar a nova fé agora apresentada.

A insistência na oferta como aspecto de fulcro do neopentecostalismo não deve ser entendida como algo “dispensável” nem da vida institucional (por mais que a estratégia para aquisição de dons seja agressiva), nem da vida subjetiva dos fiéis. A oferta é dimensão constitutiva da natureza humana e exerce, do ponto de vista psicológico, equilíbrio social:

A doação é uma obrigação, um ímpeto em demasia, um excesso da vida criativa que não pode ser entesourado, sob pena de grave desequilíbrio psíquico. A doação é a contrapartida psíquica da aquisição. Ao recebermos qualquer coisa do outro, contraímos uma dívida e uma culpa, das quais nos redimimos ao doar. A doação não é, de forma necessária, ‘bondosa’. Podemos doar por generosidade – em gratidão, amor ou reconhecimento ao que nos foi dado – como podemos doar por egoísmo – em casos de ostentação perdulária, na disputa por sucesso e poder sociais. Mas, se não pudermos doar, de alguma maneira, nos ariscamos, simplesmente, a perder o ‘interesse’ por nossa vida e pela vida do outro (Costa, 2000).

De fato, do ponto de vista material, a vida da maioria das pessoas presentes no dia-a-dia dos cultos neopentecostais é de muita limitação, mas persistem o desejo e a criatividade mesmo na condição de “pobres de Jó”. No

---

<sup>7</sup> As análises econômicas e políticas, do ponto de vista de seus fundamentos, se baseiam na idéia de que o indivíduo sempre está a calcular sobre aquilo que melhor vem ao encontro do seu interesse, porém não é por aí o que pretendemos dizer, haja vista que a preocupação da parte do indivíduo com o outro já sinaliza na perspectiva de bem público, ou seja, de benefícios não exclusivamente. Ofertar, na nossa leitura, vai no caminho dessa perspectiva, mesmo sendo ato individual. Ofertar algo de si próprio, referindo-se a si próprio, conforme bem presenciamos nos relatos de testemunhos, não significa impedimento de laços solidários.

caso do entrevistado antes citado, a “ostentação perdulária” se caracterizava como “algo jogado fora”, pois o dinheiro esbanjado escorria por sob o leito do vício, que significava um contra dom enumerado. Isso porque o retorno não aferia sucesso algum e só causava perda do interesse pela própria vida.<sup>8</sup>

É certo que gastar em demasia (“todo dinheiro que eu pegava”) não é doar ou ofertar; não há gratuidade nessa relação nem manutenção de vínculo social necessariamente. O fiel, então, pontua seu infortúnio ao gastar seu dinheiro sem propósito, acumulando apenas as culpas.

No imaginário neopentecostal, redimem-se as dívidas contraídas com o diabo mediante ofertas feitas a Deus e em favor também do crescimento da Igreja. O fiel está entre Deus e a Igreja e quer ser redimido por meio da oferta. Logo, para que a vida melhore, ofertar é condição fundamental. Por sua vez, as dívidas contraídas junto a forças demoníacas são redimidas mediante ofertas feitas a Deus – dons que estabelecem nova dívida mas, agora sob o signo do bem, pois o fundamental é a “libertação”. E libertar-se é ofertar, mas não só, como também fazer desafios: “na nossa igreja, lança-se desafios...” (Entrevista).

O “desafio” é a própria dádiva. Lançar desafios é *dar* a quem na liberdade pode aceitá-los como teste de sua fé. Sua representação maior se fez sempre por meio de valor monetário. O desafio como dádiva lançada vai provocando, aos poucos, a ira dos despossuídos, que, afrontados pela indignação do não-ter, aceitam se por em movimento, a fim de realizar uma prova digna de ser depositada aos pés de seu deus. O desafio agoniza o fiel que, quieto no seu canto, permanece até chegar o momento de ouvir seu coração dizer: “Pega e honra o teu Deus”. O desafio como dádiva é a honra consagrada pelo valor da rivalidade. Para um fiel neopentecostal, Deus o põe à prova; e, com base na aliança que exige entrega incondicional, não lutar por ela é arriscar a perda da prosperidade esperada:

---

<sup>8</sup> Uma igreja evangélica neopentecostal, quando chega a se firmar em uma comunidade pobre, passa a contribuir, aos poucos, por meio de suas atividades diversas, com a elevação da auto-estima das pessoas e com a geração de efeito disciplinador. A vida torna-se diferente e animada para a realização de prosperidade. As correntes de oração, os desafios lançados, as campanhas a serem realizadas, tudo isso cria um movimento constante de busca por conquistas, vitórias que, mais tarde, serão partilhadas nos breves ou longos testemunhos, na igreja. Esses testemunhos, por sua vez, desempenham papel importantíssimo na dinâmica internaneopentecostal.

O propósito é o desafio, a prova que se faz através da oferta. Se a pessoa quer receber ou alcançar algo, ela tem que provar a Deus. Se a pessoa não prova a Deus, não tem como Deus fazer nada. É dando que se recebe. Então, se a pessoa quer receber, ela tem que dar, tem que plantar para colher. Tem pessoas na igreja que só quer colher, então tem que plantar. Por isso que muitas pessoas, a vida delas continua uma amarração. Tem pessoas que só tem alguns meses na igreja e têm sido abençoadas, prósperas, porque têm feito o que o pastor tem mandado, têm feito o desafio com Deus. É isso que a gente faz e é isso que temos dado a Deus. (Entrevista).

O desafio é feito, o desafio é dado. Trata-se de uma dádiva provocante, no sentido de que Deus é “lançado contra a parede”. É muito comum, por exemplo, na Igreja Universal do Reino de Deus, no momento da oração forte – quando todo o templo fala as mais diversas línguas em orações, em alta voz –, os fiéis se voltarem de frente para as paredes do templo e, com a Bíblia aberta na página indicada, esmurra-las exigindo de Deus o cumprimento de sua palavra em razão dos desafios já feitos, já dados. Esses desafios devem ser recebidos e, em seguida, por Deus aceitos. Por sua vez, Deus deve satisfazer com suas bênçãos a obrigação cumprida e, assim, entregar, nessa emulação sagrada, suas dádivas mais importantes ou aquelas direta e livremente contratadas pelo crente. Dar é fazer despesa, mas, se é Deus o alvo, é prova que se demonstra, pois o desafio posto como dádiva engrandece a relação, que se sustenta na base da fidelidade, e não da pura aquisição, tal qual ocorre na relação mercantil. “Dar”, “receber”, “plantar”, “colher”... não deixam de ser categorias econômicas, porém não significativamente mercantis. O espetáculo da riqueza esperado é a glória e a honra do Deus em quem se acredita. Tendo sido o desafio ofertado como dádiva, rivalizando-se, a força em favor do pobre miserável incidirá sobre o que o está impedindo de prosperar sobre o demônio que tranca, por exemplo, a vida financeira: “[...] muitas pessoas a vida delas continua uma amarração”. O desafio lançado pelo pastor, a fim de alguém tomá-lo para si como dádiva ou fazê-lo no silêncio de sua oração, tem por objetivo, sobretudo, fazer o demônio não ampliar seu domínio, sua posição, retendo as bênçãos de outrem, trancando, amarrando a vida que não lhe pertence. A fé que se expressa por meio do desafio, tem por objetivo maior, despotencializar os demônios e assim permitir a reintegração de posse, garantida pelo compromisso divino do *dê-me, dou-te* (Cf. Gomes, 1996: p. 238).

A dimensão econômica que perpassa o sentido da prosperidade neopentecostal, a exemplo da Igreja Internacional da Graça de Deus, ante uma dádiva de natureza agonística, decorre, sem dúvida, da troca de desafios exas-

perados, provindos, principalmente, dos pobres. Na doação na Igreja Internacional da Graça de Deus há certo desespero religioso patente, porquanto o sentido da vida é tão profundo quanto a necessidade. Com freqüência, põe-se Deus à prova: exaltá-lo dependerá dele lançar-se no jogo sanguinolento de uma guerra, sobretudo, diabólica, já que ela está declarada, porque impede o sucesso, segundo a teologia neopentecostal, da vida próspera.

A necessidade faz parte do desespero terrestre em face desse Deus ao qual os membros da igreja se ligam de forma estreita, pois, segundo os constantes testemunhos dados nos templos, a cada dia da semana, ele responde aos desafios ofertados, liberando a vida de situações improdutivas rumo à vida de bênçãos sem medidas. Doravante, então, devem-se fazer despesas com o Deus que, segundo a crença, enche a casa de mantimentos necessários à vida. O desafio como dádiva expressa na forma dinheiro-oferta é oferenda consagrada – despesa feita ao Deus, sem significar perda no sentido utilitário. É agradável o desafio feito por simples consentimento. Nisso reside o sentido da perda. É por isso que tantos membros da Igreja, quando entrevistados, não aceitam os termos “pagar”, “comprar”, porque, na lógica da liberdade, mesmo em dom agonístico, isto é, de desafios, rivalidades, prefere-se o consentimento a tudo aquilo que pode ser desagradável. Portanto, assim entendemos o “desafio” neopentecostal, quando lançado à assembléia dos fiéis: sendo coisa, o dinheiro só vai ser retirado da ordem real que o prende, se a destruição, por meio da oferta, lhe arrebatar, de fato, o caráter de coisa, suprimindo sua utilidade. Desde que consagrado, torna-se íntimo do divino; pode, assim, participar do celestial consumo e da inefável dádiva que lhe desafia a honra. Nessa prática religiosa, um objeto de troca como o dinheiro, que se torna “desafio”, não é mais coisa, nem inércia, nem ausência de vida do mundo profano; é dádiva que, uma vez lançada, significa glória. Aquele que dá, desafiando, logo manifesta sua riqueza e seu poder:

Eu lembro de uma senhora que mendigava. Ela comia jerimum e farinha junto com os filhos. Aí, então, ela veio na Igreja Universal, falou com o pastor. Aí o pastor falou assim: “Venha sete segundas-feiras”. A mulher foi, começou a ser fiel a Deus, aceitava os desafios. Colocou seu banco de feira e começou a abrir quentinha, vendendo almoço. E sei que, de uma hora para outra, ela abriu um restaurante, comprou um carro, um celular. De uma hora para outra, Deus abençoou essa mulher. O único testemunho forte que ouvi foi este. A pessoa que mendigava hoje é um empresário. Tinha carro, tinha casa, tinha conta no banco. Deus honrou. (Entrevista).

O testemunho circula, expressando a dádiva transferida, assim como o desejo que se tem. Toda conquista se apresenta como riqueza considerável e desafia o próprio entrevistado, que, ao tomar o testemunho como dádiva para si, fica na obrigação de dar a tantos outros o reconhecimento de uma despossuída que agonizava na mendicância:

A dádiva seria insensata (em conseqüência, jamais nos decidiríamos a dar) se não adquirisse o sentido de uma aquisição. É preciso, portanto, que dar se torne adquirir um poder. A dádiva tem a virtude de um ultrapassar do sujeito que dá, mas em troca do objeto dado o sujeito apropria o ultrapassar: ele tem em vista sua virtude – aquilo pelo qual ele teve força – como uma riqueza, como um poder que doravante lhe pertence. (Bataille, 1975: p. 106).

O reconhecimento seria, então, o vínculo que se entrevê entre a conduta religiosa e a economia como único testemunho forte já recebido pelo fiel. E devolve, com a sua própria palavra, como a referida senhora, outrora na mendicância, foi reconhecida como pessoa que, sem ter, desafiou para ser.

## Referências bibliográficas

- BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BATAILLE, George. *A parte maldita*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Vozes/Loyola, 1993.
- CORTEN, André. *Os pobres e o espírito santo: o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.
- COSTA, Jurandi Freire. A capacidade de doar. *Jornal Folha de São Paulo*, Mais!, Brasil 500 d.C. 9 de janeiro de 2000.
- GOMES, Wilson. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis-RJ: Ceris/Vozes, 1996.
- MACEDO, Edir. *O poder sobrenatural da fé*. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios*. Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 1990.
- MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- NOGUEIRA, Carlos Alberto F. *O diabo no imaginário cristão*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- RIBEIRO, Márcia Moisés. *Exorcistas e demônios: demonologia e exorcismos no mundo luso-brasileiro*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- SILVA, Drance Elias. *A representação social do dinheiro entre os neopentecostais*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2000.
- SOARES, R. R. *Perguntas e respostas sobre o dízimo – os 10% que nunca faltam*. Rio de Janeiro: Graça, 2004.
- STANFORD, Peter. *O diabo: uma biografia*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Universidade de Brasília, 1991.